

Antonio Carlos Frasson
Antonella Carvalho de Oliveira
Lucimara Glap
(Organizadores)



Atena
Editora

2018

**FORMAÇÃO
DOCENTE**
PRINCÍPIOS E
FUNDAMENTOS

Antonio Carlos Frasson
Antonella Carvalho de Oliveira
Lucimara Glap
(Organizadores)

Formação Docente: Princípios e Fundamentos

Atena Editora
2018

2018 by Antonio Carlos Frasson, Antonella Carvalho de Oliveira e Lucimara Glap

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez – Universidad Distrital Francisco José de Caldas/Colombia
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall'Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F723 Formação docente [recurso eletrônico]: princípios e fundamentos / Organizadores Antonio Carlos Frasson, Antonella Carvalho de Oliveira, Lucimara Glap. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.
275 p. : 5.753 kbytes

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-93243-90-5
DOI 10.22533/at.ed.905180905

1. Educação. 2. Professores - Formação. I. Frasson, Antonio Carlos. II. Oliveira, Antonella Carvalho de Oliveira. III. Glap, Lucimara. IV. Título.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

PREFÁCIO

Este livro, organizado em quatro eixos, produto de alta qualidade acadêmica, é resultado de pesquisas coletivas e multi-institucionais, realizadas no Grupo de Pesquisa Educação a Distância: Formação docente para o Ensino de Ciência e Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal de Paraná, Câmpus Ponta Grossa.

Todas as pesquisas realizadas, descritas e analisadas pelos artigos que compõem cada eixo, revelam o compromisso dos pesquisadores em articular o trabalho acadêmico com a realidade educacional brasileira, em todas as etapas e níveis de ensino.

O primeiro eixo contempla o leitor com discussões contemporâneas sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) e suas implicações na educação. As discussões e análises, presentes nesses artigos, apontam que tanto a ciência como a tecnologia devem estar atreladas ao compromisso ético, político e profissional de professores e pesquisadores, para construir uma sociedade mais justa, humana e igualitária. Nesse processo de construção, a escola é entendida como o *lócus* privilegiado para estimular e desafiar os estudantes, a assumirem posturas mais ativas, críticas frente as demandas tecnológicas.

Os artigos que compõem o segundo eixo tratam de estudos sobre a Educação a Distância (EaD), modalidade de ensino que, segundo os autores, promove a democratização da educação. A importância da EaD para a formação de milhares de brasileiros, tanto na graduação como na pós-graduação, não pode ser ignorada, pois esta modalidade de ensino, considerando as dimensões continentais e as disparidades regionais de nosso país, é a que possibilita o acesso à educação. Destarte, todos os problemas institucionais que afetam essa modalidade de ensino, que devem ser superados pelo poder público, esta tem uma função social, que deve ser reconhecida.

No eixo três, o leitor depara-se com discussões, extremamente significativas, voltadas para o ensino da matemática na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Os artigos que abordam esta temática transitam pela análise das práticas pedagógicas até a propositura de formação continuada para os professores que atuam nestas etapas de ensino, para que os mesmos tenham condições de articular o saber da área de conhecimento, com a prática pedagógica desenvolvida na sua ação docente. Ainda neste eixo há artigos que apontam para questões fundamentais, que devem estar presentes nas discussões sobre a construção de uma escola pública inclusiva. O conceito de escola inclusiva, presente nos estudos, superam o entendimento de que esta escola deve estar apenas voltada para atender os estudantes portadores de deficiência, ainda que isto deve ser considerado. Mas trata, sobretudo, da construção, enquanto política pública, de uma escola preocupada com as singularidades do lugar onde está inserida, como é o caso das escolas localizadas no campo, que precisam ampliar as possibilidades de acesso aos estudantes, suprimindo barreiras que as limitem. A preocupação dos autores foi a de demonstrar que o saber (conteúdo),

obrigatoriamente, tem que estar atrelado na relação do como se ensina (forma, prática) e nesse movimento dialético considerar o contexto para o desenvolvimento das práticas pedagógicas.

A importância da academia cumprir a sua função social, de compromisso com a educação básica, tanto em relação aos cursos superiores de formação inicial, quanto à necessidade das pesquisas na pós-graduação, estarem enfrontadas com as demandas das escolas públicas, são posicionamentos que o leitor vai desvendar transitando pela leitura dos artigos que compõem o quarto eixo. Os artigos são resultados de pesquisas desenvolvidas por professores de quatro instituições superiores, que estão debruçados sobre análises de dados, que revelaram o despreparo de professores, gestores e equipe pedagógica da educação básica, para atenderem as demandas do alunado que está matriculado nas classes de ensino regular.

Ao escrever este prefácio tive a intenção de contextualizar o livro alinhando a expectativa do leitor com as teorias e análises que foram desenvolvidas nos artigos que compõem a obra. Nesse sentido, convido os leitores para fazer o mesmo trajeto que fiz e conhecer o trabalho de pesquisa sério que está sendo desenvolvido por este grupo. Parabêniso a todos e agradeço o presente.

Esméria de Lourdes Saveli
Doutora em Educação /UNICAMP-SP

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....	1
TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS: RUMO A UMA DISCUSSÃO EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE NO BRASIL	
Rodrigo Barbosa e Silva Luiz Ernesto Merkle	
CAPÍTULO 2.....	18
ENSINO DE CIÊNCIAS COM ENFOQUE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE (CTS) PARA OS ANOS INICIAIS: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO CLUBE DE CIÊNCIAS ADAPTADO	
Rosemari Monteiro Castilho Foggiatto Silveira Fabiane Fabri	
CAPÍTULO 3.....	35
ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE CTS E A ARTE: DISCUTINDO 3 TELAS DE JOSEPH WRIGHT	
Awdry Feisser Miquelin Amanda Loos Vargas	
CAPÍTULO 4.....	46
EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: POLÍTICAS PÚBLICAS E A DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO PELA UAB (UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL)	
Luís Guilherme Gonçalves Cunha Eloiza Aparecida Silva Avila de Matos	
CAPÍTULO 5.....	59
DIÁLOGOS ASSÍNCRONOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: REFLEXÕES SOBRE A QUALIDADE DA INTERAÇÃO EM AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM	
Nei Alberto Salles Filho Virgínia Ostroski Salles	
CAPÍTULO 6.....	74
A EXPERIÊNCIA NA EAD VISTA PELA TEORIA	
Katrym Aline Bordinhão dos Santos João Henrique Berssanette	
CAPÍTULO 7.....	81
A LEGISLAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD): RESGATE HISTÓRICO COM AVANÇOS OU IMPOSSIBILIDADES PARA A OFERTA DE UM ENSINO MÉDIO DE QUALIDADE? UMA ANÁLISE CRÍTICA DA LEI 9.057/2017	
Marcus William Hauser Cheperson Ramos Edevaldo Rodrigues Carneiro Gislaine Kazeker de Siqueira Rogério Ranthum	
CAPÍTULO 8.....	91
REVISITANDO APONTAMENTOS TEÓRICOS E LEGAIS SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A MODALIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	
Damaris Beraldi Godoy Leite Sandra Regina Gardacho Pietrobon Gislaine Kaizeker Juliane Retko Urban Marcus William Hauser Rogério Ranthum	

CAPÍTULO 9.....	109
ATENÇÃO CONJUNTA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA PEQUENA COM E SEM DEFICIÊNCIA VISUAL	
Miriam Adalgisa Bedim Godoy Maria Stella Coutinho de Alcantara Gil	
CAPÍTULO 10.....	125
DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO CAMPO	
Sandra Aparecida Machado Polon	
CAPÍTULO 11.....	144
FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA: RELATOS E REFLEXÕES DE UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA	
Franciele Clara Peloso Marlova Estela Caldatto Janecler Aparecida Amorin Colombo	
CAPÍTULO 12.....	154
A CRIANÇA E O JOGO MATEMÁTICO NOS ANOS INICIAIS	
Andreia Bulaty	
CAPÍTULO 13.....	173
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: DEMANDAS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Karina Soledad Maldonado Molina	
CAPÍTULO 14.....	195
FORMAÇÃO DOCENTE NA ÁREA DA INCLUSÃO	
Carolina Paioli Tavares Eliane Mauerberg-deCastro	
CAPÍTULO 15.....	207
A FORMAÇÃO DE PROFESSOR PARA A INCLUSÃO	
Elsa Midori Shimazaki Renilson José Menegassi Liliana Yukie Hayakawa	
CAPÍTULO 16.....	222
POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO EDUCACIONAL E OS DESAFIOS FRENTE À FORMAÇÃO DOCENTE	
Eliziane Manosso Streiechen Gilmar de Carvalho Cruz Cibele Krause-Lemke	
SOBRE OS ORGANIZADORES.....	241
SOBRE OS AUTORES.....	242

EIXO 1 – CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE (CTS)

APRESENTAÇÃO

As reflexões deste eixo estão centradas em temáticas que abrangem pesquisas atuais na perspectiva da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS). As abordagens trataram especificamente, do panorama geral das pesquisas sobre o tema e suas implicações na graduação e na pós-graduação. Sabe-se que o interesse em pesquisas com abordagens CTS, no contexto do ensino, vem crescendo e com isso tem aumentado a heterogeneidade de suas propostas, apontando a necessidade de reflexões e discussões sobre os rumos dessas pesquisas.

O trabalho dos autores Rodrigo Barbosa e Silva e Luiz Ernesto Merkle, intitulado “Tecnologias Educacionais: rumo a uma discussão em Ciência, Tecnologia e Sociedade no Brasil”, traz uma reflexão sobre o campo de Ciência, Tecnologia e Sociedade e suas implicações em educação. O artigo versa as discussões do Grupo de Pesquisa Ciências Humanas, Tecnologia e Sociedade (CHTS), do Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Ponta Grossa.

Já as discussões trazidas pelas autoras Rosemari Monteiro Castilho Foggiatto Silveira e Fabiane Fabri, no artigo “Ensino de Ciências com enfoque Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) para os Anos Iniciais: Uma Experiência a partir do Clube de Ciências Adaptado”, traz elementos que foram contextualizados em forma de prática pedagógica com docentes em curso, onde as discussões tinham como base os estudos da CTS e sua aplicabilidade para os anos iniciais. As autoras destacam que o desenvolvimento de atividades na área de Ciências deve proporcionar uma alfabetização científica e tecnológica por meio da abordagem CTS, descrevendo uma experiência nos anos iniciais do ensino fundamental, mostrando que é algo que precisa ser expandido.

O estudo trazido pelos autores Awdry Feisser Miquelim e Amanda Loos Vargas, “Algumas relações entre CTS e a arte: Discutindo 3 telas de Joseph Wright”, objetivou evidenciar resultados de pesquisa bibliográfica sobre três telas do pintor inglês Joseph Wright do século XVIII, ainda, trouxe um breve relato de seu contexto histórico, e possíveis relações para potencializar diálogos CTS. Os autores tratam a pesquisa como uma investigação teórica que envolve a prática de sala de aula numa perspectiva mais ampla, fugindo de práticas diretamente conteudista que em muito permeia no Ensino.

Desta forma, a partir desta apresentação dos escritos dos autores e das autoras, os leitores e leitoras são convidados (as) para refletir sobre os estudos tratados neste capítulo acerca das discussões contemporâneas sobre CTS.

Virgínia Ostroski Salles

A EXPERIÊNCIA NA EAD VISTA PELA TEORIA

Katrym Aline Bordinhão dos Santos

katrym.santos@ifpr.edu.br

Instituto Federal do Paraná Borba (IFPR) -

Campus Telêmaco Borba

Telêmaco Borba – Paraná

João Henrique Berssanette

joao.berssanette@ifpr.edu.br

Instituto Federal do Paraná Borba (IFPR) -

Campus Telêmaco Borba

Telêmaco Borba – Paraná

RESUMO: Considerando a experiência adquirida nos anos de trabalho com a educação a distância e os desafios neles enfrentados, objetiva-se refletir acerca das situações advindas dessa vivência por meio da teoria que envolve os procedimentos que regulamentam e instruem essa modalidade de ensino- aprendizagem. Para isso, serão explorados aspectos relativos às dificuldades na comunicação na modalidade como um todo e a figura do tutor, em comparação com o que alguns teóricos da área preconizam. Assim, nota-se que a teoria ainda pode colaborar muito para que a educação a distância consiga repensar alguns de seus problemas, o que culmina na já sabida necessidade de estudo constante para que seja possível adequar os cursos à realidade enfrentada por eles.

PALAVRAS-CHAVE: Educação à distância, teoria, comunicação.

1 | INTRODUÇÃO

Embora pareça estar claro perante a sociedade, o conceito de educação a distância ainda causa muitas dúvidas nos estudantes que têm a oportunidade de se inscrever em um curso que opte por essa modalidade. Como se sabe, a oferta tem crescido substancialmente nos últimos anos, tanto na rede pública quanto na privada, o que já fornece uma certa familiaridade com a ideia de se fazer um curso em que não seja necessária a presença diária em um espaço físico.

Além disso, seja por conta dos boatos infundados ou mesmo de casos pontuais que não apresentaram sucesso, o fato é que a educação a distância ainda é confundida com algo que é fácil de se fazer. Por trás dessa visão simplista aparece a falta de entendimento do que, de fato, configura essa modalidade. Dessa forma, optamos por apresentar a definição a ela dada num decreto do ano de 2005. Naturalmente a legislação vem se modificando constantemente, no entanto, o objetivo, aqui, é analisar especificamente a conceituação da expressão:

A Educação a Distância é a modalidade educacional na qual **a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação**, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2005, grifo nosso).

Nota-se, então, que se trata de uma modalidade que abarca o ensino-aprendizagem como qualquer outra, com a diferença de que utiliza meios e tecnologias de informação e comunicação nesse processo. É justamente essa constatação que precisa ser destacada, haja vista que a educação a distância é diferente ainda percorre os círculos de alunos. A diferença está, portanto, no modo como ela é realizada e na diversidade temporal e local em que se encontram professores e estudantes, e não na atenção e esforço que se deve empreender para que o curso ocorra a contento.

Feito esse esclarecimento, passaremos a analisar alguns aspectos que podem nos ajudar a compreender os desafios que aparecem durante o percurso de um curso ofertado na modalidade a distância. Levando em conta as experiências por nós experimentadas durante a atuação como tutora, estudante e coordenadora, este texto pretende refletir acerca de como os teóricos da área apontam para ações relacionadas a questões como dificuldades na comunicação na modalidade como um todo e a figura do tutor. Para isso, apresentamos reflexões que abrangem situações enfrentadas no trabalho como coordenadora regional de curso no Instituto Federal do Paraná (IFPR) - Campus Telêmaco Borba.

2 | OS CURSOS NA EAD SÃO FÁCEIS?

Um dos primeiros preconceitos que vêm à tona quando mencionamos que trabalhamos com Educação a Distância (EaD) é a suposta facilidade dos cursos. Naturalmente isso chega até os estudantes, que questionam a validade de se fazer um curso dessa natureza. A discussão é antiga, e permeia o ambiente acadêmico desde os tempos em que a Universidade Aberta do Brasil (UAB) apareceu nas universidades, promovendo a possibilidade de se cursar uma graduação em instituição pública.

Inicialmente é preciso lembrar que o imaginário em torno do que configura um curso, ou mesmo uma aula, ainda é calcado nas experiências que tivemos como alunos, ou seja, quando não tínhamos conhecimentos sobre questões ligadas à estratégia de ensino, metodologia ou avaliação, apenas éramos expostos a elas. Partindo disso, muitos são os analistas da educação sem ao menos terem estudado ou mesmo experimentado o papel de professor.

Assim, o ideal de uma boa formação ainda gira em torno da visualização de uma sala de aula física em que o professor explica a matéria para o aluno, o que, de fato, é importante e capaz de promover o aprendizado. Portanto, é preciso deixar claro que não estamos criticando essa organização, e sim citando-a como a mais conhecida pela maioria, o que começa a explicar o porquê do estranhamento diante da educação

a distância.

O imaginário, então, é povoado pela visualização do aluno como alguém que chega até a sala preparado para receber o conteúdo que o professor irá ministrar, assumindo um papel de ouvinte, sem que seja preciso desempenhar muitas ações até que seja solicitado que realize um exercício, por exemplo. Ocorre que o perfil do aluno que não precisa agir, sendo totalmente guiado pelo professor, acaba sendo desmistificado quando ele se depara, na educação a distância, com uma metodologia diferente, centrada nele e em suas experiências.

Nesse contexto, o aluno precisa organizar seu próprio tempo para que seja possível responder às avaliações a que é exposto, com tempo hábil para que entre em contato com o tutor, e até mesmo o professor formador, e seja respondido. Como a comunicação é assíncrona, embora também possa ocorrer sincronicamente, é preciso planejar as ações dentro do prazo estipulado em cada disciplina, o que exige um comportamento ativo e organizado por parte do aluno, nem sempre acostumado com isso.

Logo que o estudante se dá conta de todas essas responsabilidades e de que realmente será necessário cumprir etapas dentro da organização do curso, ele passa a compreender que a ideia de que a educação a distância é fácil não passa de um engano propagandeado por quem não a conhece.

3 | AS DIFICULDADES DE COMUNICAÇÃO

O principal efeito desse primeiro contato com a EaD, sem mencionar as dificuldades muitas vezes encontradas no manuseio da tecnologia, é a evasão nos primeiros meses dos cursos, uma constante nos diversos níveis de ensino, conforme presenciamos durante os anos de experiência tanto em cursos técnicos como de graduação e pós.

Uma questão muito importante nesse processo de adaptação à nova realidade acadêmica é a comunicação. Como já mencionamos, o fato dela ocorrer de forma assíncrona, em alguns casos, faz com que muitos estudantes desacostumados julguem-na como ineficaz, uma vez que, por lidarem com o tempo de forma inexperiente, acabam encontrando dificuldades. Nos cursos do IFPR o ambiente virtual de aprendizagem apresenta diversas ferramentas de comunicação, além dos momentos presenciais, que são suficientes para que, de fato, ocorra o atendimento dos estudantes.

Conforme nos mostrou nossa experiência no curso, a primeira barreira a se superar é a de criar o hábito da escrita clara e objetiva nos estudantes, que muitas vezes não conseguem se fazer entender diante das dúvidas que tiveram, advindas, também, da má interpretação do material exposto no ambiente virtual.

O motivo por nós considerado como fulcral nessa dificuldade é apontado por Raquel Villardi e Eloiza Gomes de Oliveira (2005, p. 103, grifo nosso):

Nesse sentido, também quando se trata de Educação a distância **o material didático é o professor feito texto**, à medida que é por seu intermédio que o aluno não apenas receberá as informações iniciais de que necessita para a construção do conhecimento, como terá criadas as oportunidades para que isso se efetive.

Como apontado pelas autoras, a mediação entre o aluno e as informações repassadas pelo curso se faz por meio do texto. Temos que entender, então, que o entendimento do texto é que permite ao aluno a construção do conhecimento, o que envolve o processo de uma leitura adequada, ou seja, a interpretação do conteúdo, levando em conta o que ele já sabe e as novas informações que está recebendo.

Além disso, o aluno precisará registrar por meio da escrita as atividades do curso, assim como suas dúvidas, o que configura mais uma das dificuldades que se mostram no cotidiano. Conforme a citação supra, é preciso que se criem oportunidades para que ocorra a aprendizagem, mais uma habilidade nem sempre já desenvolvida em alunos que tiveram sua formação marcada por atividades e esclarecimentos de dúvidas que lhes eram oferecidos constantemente, ou seja, sem que eles precisassem, fundamentalmente, pedir ajuda.

É nesse sentido que surge a necessidade de uma familiarização com a linguagem digital, que tem suas especificidades. Por ser um ambiente formal de aprendizagem, é preciso levar em conta que o tipo de discurso a ser utilizado pelos alunos ao se dirigirem a tutores e professores precisa ser adequado a esse meio. Isso, não raras vezes, causa dificuldades no andamento do curso, haja vista que por conta de estarem acostumados a se comunicar na linguagem digital de forma diferenciada, muitos alunos simplesmente não se conseguem fazer entender.

Basta olharmos os fóruns, por exemplo. É muito comum que o tutor precise intervir e pedir que o aluno apresente a resposta da pergunta que deu origem à atividade. Movidos pelo costume de apenas repetir conteúdos, muitos acabam fazendo paráfrases do que leram, sem se posicionar claramente acerca do questionamento solicitado. Mais uma situação que revela a dificuldade em se lidar com a linguagem nesse ambiente.

As mensagens diretas aos tutores e professores também são outro exemplo dessa barreira com a escrita de textos. Já vivenciamos situações em que os alunos reclamam de problemas relativos a prazos e textos sem ao menos seguir uma estrutura de gênero textual ou apresentado todas as letras maiúsculas, sem se importar com o fato de que isso, na “etiqueta” da linguagem digital, configura-se como impolido. Tudo isso torna o ambiente menos receptivo e pode criar confusões e ruídos de comunicação que culminam em mal aproveitamento do curso.

É preciso ter em mente que

A linguagem digital permite um novo tipo de leitura, a do hipertexto, que, conforme diz Marcuschi (2001, p. 85), provoca “uma revisão de nossas formas de pensar o letramento e as condições de produção social do conhecimento”, visto que a leitura deixa de ser linear, e pode transformar o leitor em coautor (CORTELAZZO, 2013, p.129).

É justamente essa revisão de formas de pensar que é custosa. Qualquer mudança o é, e, tendo em vista o perfil dos estudantes da EaD, isso assume uma circunstância delicada, considerando que muitos nunca tiveram experiência com essa modalidade ou estão afastados há muito tempo da sala de aula.

Agir como coautor, ao invés de um simples ouvinte, é uma tarefa que exige posicionamento diante do texto, que, por sua vez, demanda uma compreensão. Ao considerarmos que hipertexto: “designa uma escritura não-sequencial e não-linear, que se ramifica de modo a permitir ao leitor virtual o acesso praticamente ilimitado a outros textos, na medida em que procede a escolhas locais e sucessivas em tempo real” (KOCH, 2007, p.25), entendemos que esse acesso a outros textos implica em escolhas, que, se não realizadas por meio de uma organização visando a melhora da compreensão dos próprios conceitos ali apresentados, culminam na distração, ou mesmo na interpretação inadequada, que criará obstáculos para a construção do conhecimento.

Por outro lado, quando há o entendimento da importância da compreensão do texto e das novas habilidades que serão necessárias para que se efetive um posicionamento e coautoria no processo de aquisição do conhecimento, os resultados são motivadores, conforme nos explica Iolanda Cortelazzo (2013, p.143):

Muitos deles [os alunos] transferem imediatamente suas aprendizagens e sua experiência de trabalho e retornam com resultados das discussões em sala de aula. [...] melhoram sua redação e o tratamento que dão ao seu trabalho porque sabem que este pode ser publicado. Eles também tomam cuidado com o que dizem e com o que escrevem, considerando a rede colaborativa e a rede de mídias como meios de comunicar suas crenças e seus pensamentos.

Ao pensarmos na ocorrência dessa situação em um dos cursos do IFPR – Campus Telêmaco Borba, aqui usado como referência para exemplificação, visualizamos esse cuidado com a apresentação de uma atividade em especial: o seminário local. Pensado como uma das atividades integradoras entre o que os alunos estudaram e a aplicação disso na comunidade em que residem, o seminário funcionou como mais um dos momentos em que a utilização da linguagem precisou de um cuidado especial por parte dos alunos.

Inicialmente eles impuseram alguns obstáculos para a efetivação dessa integração, citando fatores como recepção da comunidade, insegurança diante da tarefa de atuar, agora, como um repassador de conhecimento e mesmo da já costumeira ressalva diante de um desafio que se diferencie das atividades já conhecidas. Para superar essas dificuldades verificamos como o papel dos tutores foi de suma importância, elucidando, mais uma vez, uma constatação de Cortelazzo:

Os tutores precisam ter formação continuada para que possam resolver questões pedagógicas e acadêmicas referentes a cada curso conforme elas vão se modificando. Na tutoria, é desenvolvida uma efetiva interação entre professores, tutores e alunos que pode evoluir para colaboração e concretizar-se em projetos de

As situações enfrentadas pelos cursos surgem conforme eles vão exigindo novas habilidades dos alunos. Assim, é preciso manter o tutor em constante formação, visando a interação necessária para o bom andamento do curso. Como nos mostrou a autora, é possível que, a partir disso, haja a mudança na comunidade em que vivem.

Isso nos faz retomar o exemplo do seminário local, já que foi visível a preocupação de tutores e alunos na tarefa de relatar os problemas encontrados na sociedade sem que a ação soasse como pedante ou mesmo desrespeitosa. No processo de entrevistas com os envolvidos diretos nas atividades analisadas era notável o cuidado na escolha dos termos e perguntas a se fazer, demonstrando que o curso, além da questão de conteúdo, também promove uma formação relacionada ao “estar no mundo”. Eles perceberam, por meio dessa atividade, como é no trabalho, e no uso da língua, que formamos nossas redes de contato e informações, que nos ajudam a moldar nossa identidade.

No ambiente de aprendizagem é preciso que se crie esse tipo de consciência, já que é ali que ocorre a interação entre alunos, tutores e professores, o que demanda um cuidado no uso de expressões, tanto para esclarecimento de dúvidas quanto nas reclamações que podem surgir.

Ainda sobre esse aspecto, ao deixar que inadequações relacionadas à comunicação sejam relevadas pode-se criar um problema ainda maior. Em alguns casos, os próprios alunos reclamam do rigor que se tem diante dos problemas de escrita. Ocorre que uma boa comunicação é premissa em qualquer que seja a área de atuação. Desse modo,

Do optar por uma educação superior a distância inclusiva, a instituição necessita desenvolver um programa de avaliação que não seja excludente. A exclusão não significa deixar o aluno fora da educação superior, e sim oferecer uma educação pouco rigorosa, cuja avaliação possa ser paternalista, pois, embora, desse modo, a instituição certifique o aluno, este, ao participar dos processos seletivos no mercado de trabalho, não conseguiria competir com os egressos de outras instituições (CORTELAZZO, 2013, p.162).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desempenho de diversos papéis no universo da educação a distância, tutoria, coordenação regional e mesmo estudante, permitiu que analisássemos um panorama de problemas relatados e até mesmo superados no decorrer dos cursos. Dito isso, a experiência mais recente, a do Instituto Federal do Paraná (IFPR) – Campus Telêmaco Borba, nos forneceu material para uma análise embasada por teoria, que problematizasse a comunicação ocorrida na realidade da modalidade, que naturalmente influencia tanto no papel do tutor quanto no do professor em meio ao cotidiano de aprendizagem, o que inclui a avaliação.

As situações aqui apresentadas exemplificam como a educação a distância tem suas especificidades, mas apresenta como consequência a questão de formação, que envolve qualquer modalidade de ensino. Os objetivos dos cursos são os mesmos, ainda que os meios para os efetivar sejam diferentes, de modo que refletir sobre isso exige um conhecimento da educação como um todo, incluindo elementos que sejam capazes de tornar o processo de aprendizagem cada vez melhor.

Como se pôde notar, o objetivo deste artigo não foi apontar soluções para que se superem algumas queixas já comuns em torno da modalidade, mas sim oportunizar um momento de discussão sobre os diversos desafios a serem enfrentados, repensar as atuais metodologias e como a teoria pode nos ajudar nisso. Continuemos nessa tarefa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 5.622**, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e as bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 20 dez. 2005. P. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5622.htm>. Acesso em: 11 set. 2017.

CORTELAZZO, Iolanda Bueno de Camargo. **Prática pedagógica, aprendizagem e avaliação Em Educação a Distância**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Hipertexto e construção do sentido. **Alfa: Revista de Linguística**. São Paulo, 2007, 51 (1): p. 23-38. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1425/1126>. Acesso em 11 set. 2017.

VILLARDI, Raquel; OLIVEIRA, Eloiza Gomes de. **Tecnologia na educação: uma perspectiva sócio-interacionista**. Rio de Janeiro: Dunya, 2005.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-93243-90-5

